

EDUCAÇÃO ALTERNATIVA UM ENFOQUE SOBRE A EDUCAÇÃO IDEAL: DA ESCOLA DO POETA À EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA NO BRASIL¹

Mara Eliete Oliveira ²

RESUMO

O Objetivo desse artigo é realizar um enfoque sob os olhares de vários autores, sobre a educação alternativa com destaque ao início do século XX com a escola do poeta e ao cenário contemporâneo através das escolas transformadoras no Brasil. Durante este diálogo abordaremos a necessidade de uma prática alternativa urgente na educação como ação coletiva, ao invés uma prática configurada por uma pedagogia moderna que prepara o aluno para viver algo futuro, negando o presente. Enfocamos ainda, que não existe um modelo padrão de educação e que essa não deve ser revolucionária, mas sim evolucionária não sendo resumida a formação intelectual ou um simples preparo para o mercado de trabalho, mas provedora de uma educação efetiva que provoca a inquietude, a reflexão de um sujeito questionador, transformador, livre e acima de tudo feliz.

Palavras-chave: Educação alternativa, Escolas transformadoras, Sujeito questionador.

INTRODUÇÃO

O “pensar fora da caixa”, o aluno protagonista, o projeto de vida, as tertúlias literárias, são temáticas hoje presentes no “chão da escola” e surgem como algo inovador, contemporâneo. O objeto de estudo desta pesquisa surgiu a partir das literaturas indicadas e lidas e dos vídeos e aulas assistidas na disciplina de Sociologia da Educação, ministrada pelo Dr. Arilson Oliveira no curso de ciências sociais e emergiu através de duas problematizações: que tipo de educação atualmente é ofertada aos estudantes? E se é um formato de educação ideal?

Uma temática que dialoga com diversos autores que apresentam uma visão transformadora da educação apesar de que em muitos contextos a educação apresenta-se exatamente como no século XIX sem nenhuma mudança significativa, onde se destaca algumas práticas bem sucedidas como a “Escola do Poeta” idealizada pelo poeta Tagore concidentemente no início do século XX.

¹ Artigo apresentado na disciplina Sociologia da Educação, curso de Ciências Sociais da UFCG

² Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal - UFCG, elietesupervisra@gmail.com;

O artigo apresentado ressalta as interfaces da educação alternativa em diversos espaços, a hipótese levantada é que a educação emerge situações favoráveis a uma prática digamos, evolucionária ao invés de revolucionária, onde o estudante possa reconhecer-se dentro desse processo como um sujeito criativo, crítico e emancipado, podendo dessa forma desenvolver-se não apenas como um ser intelectual, mas, também social, cultural entre outros e sempre tendo oportunidade ao desenvolvimento de suas vocações no sentido de alcançar a educação ideal almejada por todos.

Além de tentar esclarecer esses questionamentos que ora nos emergem, objetivamos refletir o contexto educacional sob a ótica de autores que contribuíram em relação à temática apresentada nesse trabalho. Entre os autores pesquisados podemos citar Clóvis de Barros Filho (2015), Viviane Mosé (2018), Supyro Tagore (2010), Steven Pinker (2004), Howard Gardner (1995), José Pacheco (2012), Paulo Freire (1987) entre outros.

Neste artigo o objetivo geral é refletir sobre o formato de educação ideal e as práticas dessa educação, traçando um paralelo com o formato real que encontramos em algumas vivências educacionais e levantando alguns questionamentos e hipóteses que surgiam diante do contexto de nossa leitura cotidiana. Para a reflexão dessa relação é de suma importância a definição de um conceito de escola ideal e escola real, bem como a apresentação do perfil das escolas transformadoras existentes no Brasil, que ocupa espaço no âmbito das escolas alternativas.

2 A ESCOLA DO POETA: UMA ESCOLA IDEAL, UM LUGAR DE APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS

No cenário mundial constantemente acontecem mudanças significativas no mundo do trabalho, artes visuais, musicais, educação entre outros setores, e nos moldes atuais de educação é perceptível a distância do real ao ideal pois, ao deixar de cumprir sua função, a educação põe em risco a formação de sujeitos aptos e capazes as diversificadas realidades sociais contemporâneas. Essas questões que ainda perduram atualmente nas Instituições Educacionais nos reportam a um pensamento de Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido:

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.

Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, é possuída pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos³.

Por mais estudos, teorias, reflexões entre outras ações significativas que aconteçam no cenário educativo, ainda podemos testemunhar práticas arcaicas lembradas na famosa expressão de Paulo Freire “educação bancária” que projetam o indivíduo como um ser isolado, abstrato e apático as vivências do mundo e como fala Steven Pinker em sua crítica a tese da “Tábula Rasa” de John Locke: ...”nossa compreensão de nós mesmos e de nossas culturas só pode ser enriquecida pela descoberta de que nossa mente se compõe de intrincados circuitos neurais para pensar, sentir e aprender, em vez de tábulas rasas, massas informes ou fantasmas inescrutáveis”⁴

Alinhado aos pensamentos de Freire e Pinker podemos citar o Poeta Tagore com sua escola ideal, onde a educação era pensada na intenção de resolver os conflitos cotidianos enfrentados nas aldeias, este sim era o currículo vivo da escola do poeta.

No ano de 1901, a escola do poeta fundada pelo poeta Rabindranath Tagore na Índia Antiga, apresentava uma educação que visava uma formação não apenas intelectual, mas enfatizava as aptidões que os alunos traziam e apresentavam através de um currículo oculto. “Nessa escola a relação do indivíduo com a natureza era bem harmoniosa, as aulas eram realizadas embaixo de árvores e atrelados aos habituais assuntos acadêmicos, as aulas ministradas eram diversificadas incluindo música, dança, artesanato e peças dramáticas⁵”

A percepção que Rabindranath Tagore apresentava sobre educação através das vivências na escola do poeta está intrínseco nas ideias de Howard Gardner e suas inteligências múltiplas. Gardner assim como Tagore acreditava na existência de uma escola diferente, com uma visão alternativa:

“É uma visão pluralista da mente, reconhecendo muitas facetas diferentes e separadas da cognição, reconhecendo que as pessoas têm forças cognitivas diferenciadas e estilos cognitivos contrastantes. Eu também gostaria de

³ FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. p.39

⁴ PINKER, Steven. Tábula Rasa: a negação contemporânea da natureza humana; tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo; Companhia da Letras, 2004. p.109

⁵ TAGORE, Supyro. A escola do Poeta. Revista Índia Perspectivas, Delhi, vol. 24, nº 2. 2010. p.13

introduzir o conceito de uma escola centrada no indivíduo, que considera seriamente esta visão multifacetada de inteligência”.⁶

Assim, Tagore com sua Escola do Poeta e Gardner com a Teoria das Inteligências Múltiplas, separados por décadas, aproximam-se em pensamentos sobre uma educação ideal que vislumbrava a formação do indivíduo em sua completude, entendendo e validando todas as habilidades humanas formatadas em um espaço de criatividade, liberdade e compreensão. Ainda falando sobre uma escola Ideal, Gardner enfatiza que “Uma escola centrada no indivíduo seria rica na avaliação das capacidades e tendências individuais. Ela procuraria adequar os indivíduos não apenas a áreas curriculares, mas também a maneiras particulares de ensinar esses assuntos, reforça ainda que nem todas as pessoas têm os mesmos interesses e habilidades; nem todos aprendem da mesma maneira”⁷.

O desenvolvimento das habilidades múltiplas voltadas para o melhor aproveitamento do aluno tão presente na escola do poeta e na teoria Gardneriana é também perceptível na vida escolar hinduísta da Índia antiga especificamente na Brahmacharya⁸. Segundo Oliveira, “o currículo hinduísta na Índia Antiga, aborda dentre várias matérias algumas essências como: cantar, reconhecer melodias e tocar diversos instrumentos musicais; pintar; praticar a arte do disfarce; fazer e resolver enigmas; memorizar e recitar versos poéticos; elaborar questões filosóficas; recitar corretamente os épicos; decifrar questões filosóficas; construir arcos de guerra; praticar carpintaria e arquitetura; conhecer a fundo os metais preciosos e a arte de ourives; aplicar ervas medicinais e curar com unguentos; utilizar corretamente os amuletos mágicos; dominar a oratória; idealizar um remédio ou uma obra literária inspirada nas ushniks (expressões literárias míticas surgidas de Prajapati, deus progenitor); construir altares; lexicografar e elaborar poesia métrica; conhecer diversos jogos; e, finalmente, disciplinar-se através do poder mágico”⁹.

⁶ GARDNER, Howard. Inteligências múltiplas: a teoria na prática; trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p.13.

⁷ Ibidem, p.16

⁸ O brahmacharya trata-se de uma ordem (ashrama) que representa miticamente os pés do demiurgo e da sociedade no hinduísmo clássico, constituída por estudantes das camadas superiores, celibatários e castos, entre a faixa etária média de 5 a 25 anos.

⁹ OLIVEIRA, Arilson. Brahmacharya: a vida escolar hinduísta na Índia Antiga. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, vol.4, nº 8, dezembro de 2012. (p.160)

A educação hinduísta na Índia Antiga prezava por uma formação educacional ampla onde saberes e práticas eram desenvolvidos em torno de habilidades e aptidões que segundo o autor eram priorizadas de acordo com a origem da criança, ou seja, o currículo se adaptava de acordo com a origem de cada um. E nesse viés podemos enfatizar o pensamento da filósofa Viviane Mosé, (2018, 34:49) que em sua fala, destaca “o currículo tem que ser por competências e não por conteúdo. Currículo não diz o que você tem que aprender, diz onde você tem que chegar”.

De certa maneira, a filósofa ressalta que a educação deve ser embasada por conteúdos atitudinais “que engloba uma série de conteúdos que por sua vez podemos agrupar em valores, atitudes e normas”¹⁰ onde o que importa não é o que o aluno vai aprender, mas, o que ele fará com o que ele aprendeu, que tipo de consciência ele terá a partir daquele aprendizado, qual será sua construção?

O modelo de escola ideal já não suporta uma educação real, que trabalha com a história da humanidade de forma linear e que segundo Viviane Mosé (2018, 33:38), existe uma emergência do pensamento complexo, não há mais linha, há sobreposição, o que era sucessivo agora é simultâneo.

Concordamos com o pensamento da autora que ressalta como é inviável pensar a escola como se o mundo e suas questões acontecessem fora dela, onde os conflitos cotidianos não fizessem parte do contexto escolar, deixando dessa forma o “chão da escola” alheio à essas questões que fazem parte do currículo vivencial de cada aluno e por tal motivo, por essa negação em abordar temáticas tão reais e necessárias, a escola promove a exclusão do aluno de uma forma muito inopinada pois, sem nenhuma ligação com suas necessidades cotidianas, o estudante enxerga a educação como uma obrigação, as escolas são vistas assim como prisões e não espaços de construção, pesquisa e inovação.

3 EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA NO BRASIL: ESPAÇOS ALTERNATIVOS DE APRENDIZAGEM

¹⁰ ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar; tradução Ernani F. da F. Rosa – Porto Alegre: Artmed, 1998. p.46

“Escolas não são prédios, escolas são pessoas”, já falava o idealizador da “escola da ponte”¹¹ em Portugal José Pacheco, educador, antropólogo e pedagogo que aproximadamente há mais de quatro décadas via através da escola da ponte, que a escola é um espaço humanizado, um espaço de curiosidade, investigação e consequentemente de produção do conhecimento e com essa visão trouxe para o Brasil sua idealização de educação transformadora que influencia o processo de formação educativa de muitos lugares aqui no País. Em sua fala sobre as experiências vivenciadas ao atuar em vários estados do Brasil ele enfatiza: “Poderia citar uma lista interminável de escolas onde a reelaboração cultural acontece, onde as concepções e práticas educacionais, discretamente, evoluem. Porém, em muitos outros lugares onde se deveria ensinar e aprender, velhos vícios se perenizam, impedindo que os jovens seres sejam mais sábios e mais felizes, condenando muitos milhões de brasileiros ao analfabetismo funcional. Por essa razão e sob a forma de crônica, freirianamente optei por denunciar, para...anunciar”.¹²

Sob a ótica de José Pacheco, concordamos que a escola é um espaço de construções necessárias alinhadas a vida do aluno um espaço de descoberta do próprio eu, um lugar de significação dos problemas enfrentados depois dos “muros da escola” que por inúmeras vezes ou constantemente parecem pertencer a outra dimensão o que provoca uma lacuna cada vez mais extensa, é como se “lá fora” não fizesse parte do espaço de aprendizagem. Concordamos ainda com a fala de Clóvis de Barros Filho, (2015, 24:10) que dialogando com uma linha de pensamento bem próxima a de Pacheco, reforça que o papel da escola é permitir a cada aluno conhecer-se a si mesmo e faz relação a frase Socrática que dá início a filosofia ocidental, “Conhece-te a ti mesmo”.

Destacamos ainda, um recorte da palestra de Clóvis de Barros Filho, (2015, 24:00) quando ele expressa numa fala significativa que “uma escola cumpre seu papel quando dá aos alunos a condição de ter experiências suficientes para descobrir as suas forças, suas fragilidades.” Na ótica de Clóvis, percebemos que a educação ideal se realiza quando o aluno, seus conhecimentos prévios, suas problemáticas e sua resolução de conflitos são partes pertencentes ao fazer educacional e nesse viés alguns questionamentos emergem.

¹¹ A Escola da Ponte é uma instituição pública de ensino localizada em Portugal, no distrito do Porto, idealizada pelo educador, especialista em música e em leitura e escrita, José Pacheco.

¹² PACHECO, José. Os sete Pilares da Educação. Curitiba. Dezembro de 2012.

Se o desenvolvimento integral do aluno não é realizado em um contexto educacional, que tipo de educação estamos fazendo? A educação liberta indivíduos de suas prisões seja social, intelectual, emocional e se a escola não produz essa liberdade, que tipo de escola temos? Qual formato de alunos estamos produzindo?

Exímios exemplos no atual cenário educacional vêm sendo apresentado a todos nós, seja no formato de gráficos mostrando índice altos nos diversos moldes das tão famosas “avaliações externas” onde podemos referenciar a Finlândia onde a educação é tida hoje como o melhor sistema do mundo entre outras situações que podemos dizer que são privilegiadas tais como: uma educação vista como um caminho de desenvolvimento social; o atrativo não é o salário alto, mas o prestígio da profissão professor; ensino baseado em pesquisa; o foco não é conteúdo; a escola é vista como um lugar de encontros, de amizades e não de competições e individualidade.

Em relação ao sistema educacional da Finlândia ser considerado o melhor do mundo, algumas questões nos incomodaram e ao mesmo tempo nos reportaram a uma expressão bem conhecida em nosso país “*complexo de vira-latas* ou *vira-latismo*”.¹³ Valorizar o que têm do lado de fora é mais fácil do que enxergar suas próprias potencialidades e utilizá-las como molas propulsoras para uma construção mais significativa.

José Pacheco,relata algumas situações desfavoráveis na educação brasileira em relação à finlandesa, chama atenção sobre à questão das provas que enquanto aqui é comum a aplicação de avaliações internas e externas o que demanda custos que poderiam está sendo aplicados em outras demandas, na Finlândia só é aplicado um único exame final. Em relação aos alunos finlandeses ele destaca a fala de um deles; “Os alunos finlandeses têm liberdade de escolher aquilo que querem aprender. Ouçamo-los: “Quando estudamos aquilo de que gostamos, os resultados são melhores. Os alunos, aqui, são sujeitos, não são objetos. Cada qual estabelece o seu plano individual de estudos”. Por aqui, há quem proponha aumentar a carga horária e o número de dias letivos”¹⁴...

Sob a ótica de Pacheco percebemos que existem no Brasil, várias “finlândias” pois, algumas instituições da esfera pública, filantrópica, privada e demais, tentam

¹³ Sentimento definido pelo escritor Nelson Rodrigues no final dos anos 1950 e associado a uma profunda falta de autoestima nacional.

¹⁴. Ibidem

introduzir mudanças significativas na educação, mas, devido à escassez do apoio através de políticas públicas educacionais a esse tipo de projeto que em sua totalidade é ignorado por muitos, a educação a cada dia afunda num modelo epistemológico falido. Como descreveu Pacheco ancorado nas palavras do poeta João Cabral de Melo Neto “Escolas são usinas que, engolem gente e vomitam bagaço”

Em diversos lugares do Brasil acontecem exemplos maravilhosos de educação alternativa, podemos citar as escolas transformadoras espalhadas aos quatro cantos do país e que mostram que educação de qualidade não acontece apenas em lugares onde se dá condições favoráveis, ao contrário acontece num país onde a educação é realizada através de um sistema arcaico, engessado e essas escolas se destacam com propostas bem atrativas que produzem na sociedade o aluno crítico, ativo, questionador, consciente e apto a enfrentar conflitos existenciais.

O Programa Escolas Transformadoras é uma iniciativa global da Ashoka¹⁵, lançada no ano de 2015 no Brasil em correlação com o Instituto Alana. O programa é composto por uma comunidade formada por pessoas de diversas áreas, que possuem um interesse comum: mudar a conversa sobre educação. Integram esse grupo equipes de escolas, jornalistas, empresários, professores universitários, representantes do poder público. Espalhadas em diversos lugares do país as escolas transformadoras se destacam com suas práticas diferenciadas que enxerga a escola como espaço privilegiado para proporcionar experiências capazes de formar sujeitos com senso de responsabilidade pelo mundo¹⁶.

Com o privilégio de termos conhecido e socializarmos vivências com os idealizadores desses espaços alternativos, destacamos algumas Instituições que trabalham com esse perfil de transformar o sujeito e sua atuação no mundo: 1) O Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA) no estado de Pernambuco, tem como missão “formar jovens, técnicos, educadores e produtores familiares para atuarem na transformação das circunstâncias econômicas, sociais, ambientais, culturais, políticas e na promoção do

¹⁵A Ashoka é uma organização social loba que congrega mais de 3 mil empreendedores sociais em 84 países. Busca colaborar na construção de um mundo em que “Todos Podem Ser Transformadores” e qualquer pessoa pode desenvolver e aplicar habilidade necessárias para solucionar os principais problemas sociais enfrentados hoje

¹⁶ LOVATO, Antônio; FRANZIM, Raquel (org.). O ser e o agir transformador para mudar a conversa sobre educação. 1ª ed. São Paulo.2017 p.6

desenvolvimento sustentável com foco no campo”. 2) O **Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) Campo Limpo**, situado na zona sul da cidade de São Paulo, a escola pauta seus princípios em 11 valores, que direcionam o trabalho da instituição em todas as suas relações: **acolhimento, alegria, amor, bem-estar, confiança, cuidado, ensino e aprendizagem, liberdade, respeito, responsabilidade e solidariedade**. 3) A **Escola Vila Verde no estado de Goiás** que tem como missão “educar as pessoas para a felicidade e para a ação no mundo, com confiança e consciência de si, do outro e do nosso ambiente”. A militância ambiental presente e atuante visa, portanto, ao bem comum dos que hoje vivem naquele lugar e também daqueles que viverão. (ESCOLAS TRANSFORMADORAS, 2015).

Espaços de educação alternativa de grande relevância que não se findam apenas nesses três exemplos citados, poderíamos citar outros exemplos valiosos, mas daremos destaque a um espaço alternativo reconhecido como escola transformadora pela Ashoka, que tivemos prazer de conhecer pessoalmente através de inúmeras visitas a esse espaço, um laboratório rico com vivências fantásticas. Falamos aqui da Escola Nossa Senhora do Carmo que fica localizada numa zona campestre no município de Bananeira PB. A escola tem uma proposta de educação popular e humanizada, trabalhando com outras dimensões do ser humano além da cognitiva, e está centrada em valores humanos de dignidade, respeito, fraternidade e solidariedade. Inspirada na obra de Paulo Freire, a escola pretende reverter a lógica da educação bancária e garantir uma educação de qualidade para todos, principalmente àqueles que não tiveram oportunidades. Entre as ações que sustentam o modelo de educação democrática e participativa estão as assembleias, de autoria dos alunos: encontros mensais de toda a comunidade escolar para discutir problemas, soluções, proposições e elogios. Esse é um espaço bem importante, que decide sobre qualquer assunto que permeie o ambiente escolar. Assim, a **Escola Nossa Senhora do Carmo** parte da reflexão sobre práticas, para, a partir delas, dialogar sobre o ‘ato-fato’ e buscar uma educação coletiva, cujo primeiro passo seja o coração da pessoa humana. (ESCOLAS TRANSFORMADORAS, 2015).

4 METODOLOGIA

Para a efetivação desta pesquisa utilizamos as literaturas e mídias do acervo bibliográfico, disponibilizados nas aulas do componente curricular Sociologia da Educação do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. Bem

como os relatos orais das experiências vivenciadas “in loco” relacionadas as escolas transformadoras no Brasil.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa nos mostra que por mais inovações que se fazem no ambiente educacional, o ideal sempre permeia com um só fundamento, preparar o aluno para o mercado de trabalho, para ser aprovado no ENEM ou para ser aprovados em concursos.

Toda a discussão apresentada no artigo sob enfoque de diversos teóricos, nos revela que desde o início de século XX as práticas educacionais apontam para necessidades urgentes na transformação do aluno em um sujeito transformador, crítico e apto a desenvolver as habilidades que o mesmo possui seja na área musical, artística, econômica, entre outras.

Na contemporaneidade não é mais concebível uma prática educativa que condiciona o aluno a ser mero receptor de conteúdos que são meramente disfarçados de contextualizados aplicados dentro de quatro paredes ou de acordo com o cenário pandêmico atual, numa sala interativa, através de uma tela, seja de computador ou de qualquer outro aparelho. Esse modelo educacional vem sendo apresentado há tempos e a cada dia os resultados são desencantadores, ora falam em protagonistas, em projetos de vida de forma mecânica onde nem se quer o currículo oculto é vivenciado nas interações cotidianas da escola

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, chegamos à conclusão que a educação real promove pessoas infelizes, pois, as habilidades, vocações e curiosidades dos sujeitos enquanto alunos “são castradas” por um sistema vertical que define de onde partir até onde chegar, negando o direito de aprender dentro de um contexto em que o aluno vivencie e tente resolver as problemáticas que emergem cotidianamente. Como podemos dizer que estamos fazendo educação se ignoramos o currículo oculto que adentra diuturnamente aos espaços escolares e por muitos são ignorados? Podendo este currículo, transformar sujeitos passivos em sujeitos ativos, críticos e transformadores da sua própria realidade, anulando dessa forma a educação depositária que transborda o aluno de conteúdos vagos e enfadonhos e que o afasta cada vez mais do espaço “dito” educativo e promove índices

relevantes de evasão, abandono e repetência. Índices estes que não é culpa o aluno e sua competência em aprender, verdadeiramente são reflexos de uma educação excludente que não ensina a desaprender, a desconstruir, a desnaturalizar, fazendo com que essa inércia educativa retrate o atual e triste contexto que boa parte das escolas estão adentradas. A partir do momento que o foco da educação seja fielmente o aluno e sua história de vida seja o currículo, novas configurações desabrocharão em torno do espaço educativo. Não se prepara o aluno para o mundo lá fora, se prepara no mundo que o mesmo trás para a escola.

REFERÊNCIAS

- Canal Futura. Finlândia | Destino: Educação. *Youtube*. Disponível em: [youtube.com/watch?v=Bj9ciijbMj8](https://www.youtube.com/watch?v=Bj9ciijbMj8). Acesso em 08 de mar. 2013. 00:55:21
- FILHO, Clóvis de Barros. **As Teorias da Educação**. III Semapol. *Youtube* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fhcECpbioAI>. Acesso em: 29 de mar. 2015. 1:25:17
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987
- GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- LOVATO, Antônio; FRANZIM, Raquel (org.). O ser e o agir transformador para mudar a conversa sobre educação. 1ª ed. São Paulo. 2017
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens no processo. São Paulo: EPU. 1986.
- MOSÉ, Viviane. **O contemporâneo e a educação**. Café Filosófico. *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hyVBULSDimI> Acesso em 01 de mar. 2018. 0:51:01
- OLIVEIRA, Arilson. **Brahmacharya: a vida escolar hinduísta na Índia Antiga**. In: *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Vol. 4 Nº 8, dezembro de 2012.
- PACHECO, José. **Os Sete Pilares da Educação**. Curitiba. Dezembro de 2012.
- _____. **Contradições**. In: *Revista Educação*. Nº 163, outubro de 2011 Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2011/10/27/contradicoes/> Acesso em: 10 de mai. 2021
- PINKER, Steven. **Tábula Rasa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- TAGORE, Supyro. **A Escola do Poeta**. Revista Índia Perspectivas, Delhi, vol. 24, nº 2. 2010.
- ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.